

O FIM DE SACHS

RUBEM BRAGA

UM artigo de "Samedi-Soir" dá as últimas notícias de Maurice Sachs. São velhas, chegam de Hamburgo, melancólicas e imprecisas. Seu livro de memórias, que os editores Correia lançaram em uma edição de 25 mil exemplares rapidamente esgotada, "Le Sabbat", é o impressionante documento de uma época de alucinação literária que não passou de todo.

Os jovens de hoje em Paris não vão mais, certamente, ao "Boeuf Sur Le Toit", mas vão ao "Flore", ao "Rose Rouge" e ao "Mephisto". Não é difícil imaginar que no meio de muita gente de valor há nesses meios muitos "gênios" destinados a ficar para sempre obscuros — e talvez alguns tipo Maurice Sachs. Esse tipo de "lumpen" intelectual que floresceu tão bem no "entre-guerra" e que aparece aqui visto a uma luz inteltramente crua, num auto retrato sádico-masoquista.

Aqui está um rapaz judeu, inteligente e vivo, que desde cedo se faz bêbado, ladrão e fascista. Aqui o vemos de súbito entrar para um seminário, convertido por Maritain, e se entregar a exercícios místicos. Depois, subitamente, perde a fé mas resolve continuar a carreira na pretensão de chegar a cardinal... Aqui o vemos atravessar os Estados Unidos em ônibus e ir até os confins do Alaska para se

casar com a filha de um severo pastor presbiteriano. Triste destino, o dessa moça, em quem o marido jamais tocou — nem nela nem na Bíblia de cabeceira — e abandonou um dia para fugir com um rapaz amigo da Califórnia. Perdendo-se em anormalidades, trabalhando como garçon de hotel, diretor de teatro, conferencista, editor (devolveu, sem ler, os manuscritos de "A Oeste Nada de Novo"...), autor e ator de teatro, negociante de quadros, secretário de André Gide, leitor e conselheiro da NRF, com Paulhan e Malraux.

Em 1942, durante a ocupação, escreveu essas memórias, em que envolve Gide, Cocteau, Max Jacob e tanta gente mais. Depois sumiu. Correu o boato de que, tendo entrado para as Tropas de Assalto nazistas, morrera na guerra. Não se sabe se é verdade.

Sabe-se agora que ele esteve em Hamburgo e, com medo de ser prêso e metido, como judeu, em um campo de concentração se ofereceu como trabalhador voluntário. Trabalhou em uma fábrica. Depois fez mercado negro de cigarros, falou em organizar uma linha para a fuga de prisioneiros franceses, instalou-se não se sabe como em um bom hotel — e depois disso sumiu.

Há quem diga que está morto, quem diga que veio para a América do Sul. Tudo o que se sabe é que, ao sair de Paris, ele queria ir para algum lugar no Oriente, dizendo: "não desejo mais ser grande, nem célebre, nem perfeito — oh, candura! — mas quero ir para onde eu possa ser obscuramente um homem que não desgoste de si mesmo."

29.1.49

v. Notas de Paris - 9.9.47